Poetics of Space
TERESA BRAULA REIS
GREGOR GRAF
Curadoria de LUISA SANTOS
01.07.16 – 24.09.16

Quando entramos no espaço da exposição *Poetics of Space*, na 3+1 Arte Contemporânea, rapidamente percebemos tratar-se de um diálogo entre dois artistas com linguagens e metodologias diferentes. Teresa Braula Reis (1990, Lisboa), com uma presença escultórica que se impõe no espaço, e Gregor Graf (1976, Viena), com um carácter formalmente bidimensional, aparentemente não sujeito às especificidades espaciais. Estão, no entanto, unidos por um universo de ideias partilhadas que assentam no entendimento do espaço habitado e das suas camadas de narrativas. Trata-se, na verdade, do mesmo universo que Gaston Bachelard enunciou no seu *La Poétique de l'Espace*, em 1958.

O primeiro trabalho que podemos ver é uma das quatro partes da instalação *Lieux de mémoire* (2016), de Teresa Braula Reis, produzida especificamente para a 3+1 Arte Contemporânea. Um muro, ergue-se logo à entrada da galeria e convida-nos a ver a exposição parando, observando e reflectindo. Construído com entulho dentro de uma malha de ferro que lhe dá a estrutura, refere-se – tal como o texto de Pierre Nora que deu o título à instalação que se inicia aqui e que se prolonga ao longo do espaço da galeria - ao imaginário colectivo das cidades nos seus processos de construção, reconstrução e destruição.

Esta parte de *Lieux de mémoire* ressoa temas da *Arte Povera*, visíveis na incorporação de materiais naturais e industriais como areia, pedras, e metal tendo sido cada um destes materiais recolhido de locais em obras na cidade. Os trabalhos de Teresa Braula Reis são, regra geral, *site-specific*, respondendo e dialogando com os aspectos arquitectónicos que os rodeiam. Nesta parte da instalação, com a transposição do exterior – o entulho de lugares em obras -, para o interior da galeria, de paredes brancas, cria-se uma tensão. Se, por um lado, os materiais desta instalação são impenetráveis e poderiam fechar os espaços, por outro lado, não o fazem na totalidade. Com uma altura de apenas trinta centímetros, caber-nos-á a escolha de transpor o muro ou simplesmente contorná-lo, ao longo dos seus dois metros de comprimento, para continuarmos o nosso percurso.

Já a fotografia *in Holz und Heu* (2016), de Gregor Graf, recorre a outro método para confrontar os modos como vivemos os espaços. Quando olhamos para esta casa e para o ambiente que a circunda, é difícil acreditar tratar-se de um lugar real. Estamos perante uma casa na Suíça, no meio de um espaço verde, com árvores perfiladas numa pequena serra. Apenas a estrada estreita atrás da casa denuncia alguma ligação urbana. Para criar esta imagem quase perfeita, Gregor Graf retocou subtilmente a fotografia, num processo semelhante ao de Thomas Ruff em imagens como a *Sammlung Goetz* (1994), retirando alguns dos elementos dos arbustos e realçando outros nas árvores. Esta fotografia pode ser entendida na ligação cultural de Gregor Graf ao seu país de origem, a Áustria. Se perguntarmos a um Austríaco qual é a sua forma preferida de viver, a resposta mais provável que iremos obter incluirá uma casa no meio do verde mas perto de uma cidade. O conceito de verde, aqui, implica um estilo de vida sem filas de trânsito de horas infindáveis para chegar ao local de trabalho, conduzir por longos caminhos até um supermercado ou ser um estranho numa vila. Contudo, na realidade, estes lugares de campo escolhidos por citadinos – na Áustria, na Suíça ou em Portugal - são quase sempre ambientes rurais industrializados. *in Holz und Heu* apresenta-se, com o seu tom quase surreal de tão perfeito, como uma tradução visual desta ideia romantizada de viver em comunhão com a natureza, num estilo de vida puro, em paz e sossego que será, nos dias de hoje, difícil de realizar.

A busca pela perfeição surge também no conjunto de fotografias *Rechteck* (2015), no qual Gregor Graf retratou o que poderia ser uma performance, reminiscente da *land art* com as intervenções humanas na paisagem que implicavam um registo fotográfico posterior, como a icónica *A line made by walking* (1967), de Richard Long. Um homem, a conduzir um trator no campo com a precisão e rigor de um lápis numa folha em branco, deixa, no final, um rectângulo que parece marcar o lugar perfeito para construir uma casa. Este modo quase artístico de conduzir o trator deixa a narrativa aberta a inúmeras interpretações.

A acção física passa de observada em *Rechteck* para protagonizada no conjunto *am anderen Ufer sah ich dich stehe* (2016), *acht einsame Berge* (2016) e *acht entlegene Berge* (2016). Este conjunto resulta de um conjunto de caminhadas feitas por Gregor Graf ao longo da fronteira de Linz. Em *am anderen Ufer sah ich dich stehe* a linha azul denuncia a fronteira da cidade que, pela sua especificidade, impede quaisquer ligações entre as duas zonas vizinhas. *acht einsame Berge* (2016) e *acht entlegene Berge* (2016) revelam conjuntos de casas diferentes separadas por ruas largas ao longo da fronteira de Linz. Cada casa é rodeada por uma cerca permitindo que as entendamos apenas com uma visão circunscrita, que aqui se resume aos telhados que, formalmente, parecem montanhas. Esta relação entre a construção humana e a natureza perpassa o aspecto formal – tal como quando caminhamos numa montanha, neste caminho só podemos andar à volta dos obstáculos se quisermos chegar ao outro lado.

No fundo da sala, a instalação vídeo *Broken Souvenir* (2016), de Teresa Braula Reis, foca também a ligação entre construção humana e natureza, através de duas acções em dois monitores Hantarex CRT. No monitor superior, vemos as implosões da demolição de um edifício enquanto a imagem inferior apresenta implosões numa pedreira, o lugar no qual se retira o agregado para fazer betão, ferro e outros materiais para a indústria, responsável pela construção de edifícios como aquele

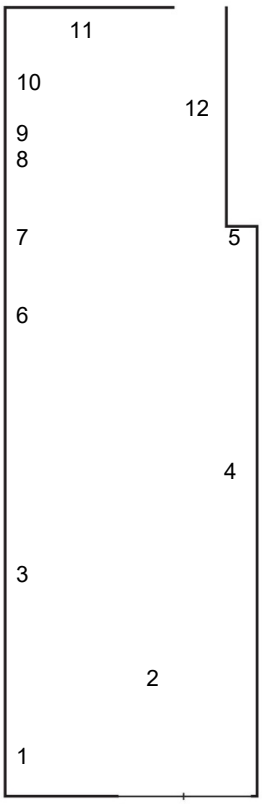
que podemos ver na acção superior. Estamos assim perante uma relação tão dicotómica quanto cíclica da destruição da paisagem natural, numa aceleração extrema do tempo para que o homem possa construir, seguida de destruição das construções humanas, num acto que conduz a matéria quase de volta ao seu estado original. Esta instalação vídeo está cheia de camadas subtis como a referência ao filme “Behemoth” (2015), de Zhao Liang, feita através da apropriação e edição de parte do seu som. Tal como “Behemoth”, *Broken Souvenir* deixa clara a relação problemática que vivemos entre o progresso industrial e económico e a destruição da paisagem natural.

A construção e a destruição são conceitos ambivalentes que denotam obsessões contraditórias da sociedade contemporânea: queremos ser eternos mas somos atraídos pela destruição ao mesmo tempo que somos assaltados pelo ímpeto de construir desenfreadamente. Esta contradição está presente ao longo dos trabalhos dos dois artistas desta exposição, como no desenho a aguarela *Treppenanlage* (2016), de Gregor Graf. As escadas que aqui aparecem representadas foram construídas para solucionar um problema de circulação numa situação de obras. Para resolver o problema resultante de construções e modificações, os planeadores urbanos construíram um percurso pedestre à volta de uma estação de autocarro. Neste desenho, Gregor Graf retirou quaisquer impressões do contexto, elevando-o a objecto em si mas sem qualquer função prática tal como as escadas tridimensionais, feitas de entulho, que a confrontam e são parte de *Lieux de mémoire*, de Teresa Braula Reis.

Também as duas últimas peças desta instalação funcionam como objectos individuais apesar de, neste espaço da Galeria, parecerem fundir-se com as paredes, quase como objectos camaleónicos. Ao reinterpretar e reduzir estruturas arquitectónica a esculturas, Teresa Braula Reis coloca aqui o seu trabalho em diálogo com os seus precedentes históricos como o minimalismo e a escultura pós-modernista. *Lieux de mémoire* explora o conceito e matéria da ruína moderna, de modos distintos. O par de objectos de betão branco, erguidos verticalmente, remete para a perenidade da matéria que será sempre tão desejada quanto inatingível enquanto o par de objectos de entulho, dispostos horizontalmente sobre o chão se associam à ideia de deterioração total da matéria.

Entre duração e transitoriedade, fragmento e totalidade, progresso e ruína, realidade e idealização, poderia parecer que estamos algures em parte alguma. Contudo, quanto mais olhamos para os espaços que construímos mais percebemos o quão estas contradições são, afinal, incomensuravelmente próximas da realidade que vivemos hoje, num mundo de incertezas e de verdades que se confundem com ficções. *Poetics of Space* apresenta-se assim como um conjunto de observações acerca da busca do sentido dos lugares nos quais vivemos com a relação inerente ao modo como nos entendemos que é, na verdade, a base das questões fundamentais e universais que atormentam a humanidade.

Luisa Santos 06.2016



1. Teresa Braula Reis, *Lieux de mémoire #1* 2016, cimento branco, madeira, 240 x 20 x 20 cm

2. Teresa Braula Reis, *Lieux de mémoire #2,* 2016, ferro zincado, tinta de esmalte, entulho, 30 x 215 x 30 cm

3. Gregor Graf, *in Holz und Heu* | *Em madeira e feno*, 2016, impressão digital C-Print montado em Dibond moldura de madeira, 150 x 97,86 cm, edição de 5

4. Gregor Graf, *O.T.* | *Sem título*, 2011, 9 pedaços de gesso com embutidos em cor, montado em alumínio, 62 x 90 cm

5. Teresa Braula Reis, *Lieux de mémoire #3,* 2016, cimento branco, madeira 200 x 60 x 40 cm

6. Gregor Graf, *Treppenanlage* | *Escadas,* 2016, aquarela sobre papel, 57 x 42 cm, (moldura feita pelo artista)

7. Teresa Braula Reis, *Lieux de mémoire #4,* 2016, ferro zincado, tinta de esmalte, entulho, 45 x 30 x 75 cm

8. Gregor Graf, *acht einsame Berge* | *Oito montanhas solitários,* 2016, aquarela sobre paper, 57 x 42 cm, (moldura feita pelo artista)

9. Gregor Graf, *acht entlegene Berge* | *Oito montanhas remotas,* 2016, aquarela sobre paper, 57 x 42 cm, (moldura feita pelo artista)

10. Gregor Graf, *am anderen Ufer sah ich dich stehen* I *Eu vi-te parado na outra margem do rio*, 2016, aquarela sobre papel, 28,5 x 37,5cm, (moldura feita pelo artista)

11. Teresa Braula Reis, *Broken Souvenir* | *Objecto de memória destruído*, 2016, (2x) XGA vídeo 4:3, cores e som 1'40'' loop, (vídeo apropriado de plataforma on-line, som de *Behemoth* (2015), de Zhao Liang)

12. Gregor Graf, *Rechteck* | *Retângulo* 2015, impressão digital C-Print, moldura de madeira com vidro, 15 x 125cm, edição de 5